

**TIPOS BURLESCOS DESENHADOS POR BRUNO SEABRA**

**Biblioteca portátil**  
propriedade de Luiz V. Ferreira, Miguel V. Ferreira e Bruno Seabra

Ao bacharel Duarte P. Schetel

**Introdução**

(no dia dos meus anos)

Folguemos coração! Ainda agora  
Comecei a ser gente na existência!  
Vinte e dois anos só! Sou mesmo um noviço,  
Um jacinto de amor na adolescência!

O buço desabrocha levemente,  
Que macio que vem, quão será lindo?!  
Ave! ireis da minha mocidade! —  
Sê benvindo, meu buço, sê benvindo!

Mas... que é isto? Parece que entristeço?!  
Eh-lá, tristeza — eh-lá! eu te esconjuro!  
No dia dos meus anos... que lembrança!  
De que me lembrei eu? Do meu futuro!

Do meu futuro...

José, traz-me um cigarro,  
E de passagem o cognac e vinho.  
.....  
Vai ali perguntar, se é grega ou china  
A palavra — futuro, — ao meu vizinho.

.....  
É coisa, que há de vir?!...  
Eu seja frade,  
Se em coisas que hão de vir tenho esperanças!  
Nasci... hei de viver!... sou fatalista,  
Não creio em contos de ninar crianças!

Meu futuro é dormir sonos de fadas  
Sobre a grama dos prados e boninas, —  
Andar aí com fome pelas ruas  
Mendigando os amores das meninas! —

Amor... falo em amor?...  
Lembro-me agora,  
Eu já tive uns amores; — há dois anos,  
Amei uma donzela... inocentinha...  
Ela amava, comigo, a três maganos!

Dois rivais para um? Não fui covarde,  
Tive juízo, abandonei a praça:  
Vim para casa, fiz uns versos tristes,  
E d'aí... fui poeta... que desgraça.

Não... não quero na terra os meus amores,  
Os duelos às vezes fazem danos...  
É tão bom se viver... os dias passam...  
No fim de doze meses se faz anos!...

Os amores de céu têm mais poesia,  
Ali pode-se amar a rédeas soltas;  
Lá no céu não há línguas de intrigantes,  
Como as línguas daqui... tão desenvoltas.

A lua é uma cigana, arranja a vida  
Com tetéias de amor, se não me engano,  
Vale a pena pedi-la em casamento,  
Tenho uns modos assim... para cigano!

Fumo cigarros, sei tocar viola,  
Canto modinhas, com requebro e graça,  
Para ser um cigano de mancheia  
Só me falta vender rimas na praça.

Palavra de honra, (que no céu. Deus haja)  
Sinto dentro do crânio uma fragura!  
Ora, se a lua é fria como dizem,  
No colo da cigana... que frescura?!

Ó lá de cima se te apraz um noivo,  
Um pobre dodivanas cá debaixo,  
Eu me apresento candidato a esposo,  
E no leito de amor o nome encaixo!

Sou moço e pobre, — ouço missa às vezes:  
Chamo a tod'os ministros de tiranos!...  
Detesto o servilismo... (c'est dommage!)  
E fiz hoje afinal — vinte e dois anos.

Se não recusas a proposta minha,  
Dize ao nédio Mafona e sempre ledó,  
Que se lembre da gente cá de baixo,  
Do seu mundo, — que vai que mete medo!

Faz-me o favor levar-lhe estes folhetos,  
Dize ao profeta-maganão que os leia;  
E verá como a terra em sua ausência  
É mesmo um *ostrum mulundum candeia*\*.

1859

\* Frase plebéia em Maranhão; belo, está bonito, não se tem o que dizer. É um primor *etc*

**O senhor Papa-Suspiros**  
Cena cômica

*Personagem: O senhor papa-suspiros  
Representa um homem de 45 à 50 anos, vestido burlescamente.*

*A ação passa-se no Rio de Janeiro  
Época: atualidade*

*O teatro apresenta uma pequena praça  
À frente casas em perspectiva! À esquerda, um lampião. — É noite.*

*Ao levantar-se o pano a personagem entra em cena pela direita*

### *Cena única*

*O senhor Papa-Suspiros,  
(Indo até o lampião cantarolando fanhosamente)*

*Com jeito se leva o mundo,  
De tudo o jeito é capaz,  
O caso é ajeitar-se o jeito  
Como muita gente faz.<sup>1</sup>*

*(Pára; tira de dentro do chapéu um grande ramo de flores, beija e o cheira com entusiasmo: vem à cena,  
torna a beijá-lo; e passeia vagaroso.)*

*(Recita; é burlesco até o fim.)*

*(Rindo:)*

*Ah-ah-ah! ah-ah-ah! Forte lembrança!  
Ora a gente também tem seus amores?!*

*(Pára e se dirige à platéia:)*

*E esta! que massada! pois um homem  
Não tem alma também como os senhores?*

*(Canta)*

*Amor é como defluxo  
De qualquer venta se apossa  
Sem dar contas ao nariz;  
Seja nariz de visconde,  
Ou de ministro ou de moça,  
Branco, escuro ou verniz.*

*(Pequena pausa; depois pergunta, cantando desentoadamente:)*

*Sendo assim pois  
Quem se livra destes dois?*

*(Passeando:)*

Ah-ah-ah! ah-ah-ah! forte lembrança!  
Ora a gente também tem seus amores?  
(*Beija o ramo com entusiasmo.*)

(*À platéia:*)

Eu me chamo o senhor Papa-Suspiros,  
Que é nome de família deste cujo;  
Já sonhei uma vez com o baronato,  
Apesar de me verem assim tão sujo:  
E moro num quartinho muito estreito,  
E não pago um vintém pela morada!  
Filante não sou eu! porém pergunto,  
Há de um homem teimar com a namorada?

(*Passeando:*)

Ah-ah-Ah! ah-ah-ah! forte lembrança!  
Oh que bela invenção, que bela idéia!

(*À platéia:*)

Acreditem que a gente vive muito  
Quando sabe viver à custa alheia.

(*Passeando:*)

Ah-ah-Ah! ah-ah-ah! forte lembrança!  
Oh que bela invenção, que bela idéia!

(*À platéia:*)

Eu nasci p'ra viver à custa alheia,  
E vivo assim, assim meio contente;  
Pois se a gente nasceu para ser pobre  
É melhor ir vivendo assim a gente!

Cada qual vai vivendo como pode,  
E porque foi com a gente a sorte avára  
Há de a gente fazer-se de soberba,  
E deixar de viver de meia-casa?!

(*Passeando:*)

Ah-ah-Ah! ah-ah-ah! forte lembrança!  
Ora a gente tem seus amores!

(*À platéia:*)

Eu como, visto e bebo à custa delas,  
Que vida regalada, meus senhores!

*(Passeando:)*

Ah-ah-Ah! ah-ah-ah! forte lembrança!  
Ora a gente tem seus amores!

*(À platéia:)*

Namoro a rapariga mais galante,  
Que meus olhos já viram sobre a terra;  
Quando penso em casar com a rapariga,  
Meu terno coração no peito *(Forte)* ber...ra!

*(Passeando:)*

Ah-ah-Ah! ah-ah-ah! forte lembrança!  
Nasce um homem também p'ra ser marido!  
Oh que dia feliz! *(À platéia)* quando me lembro  
Tenho ânsias de ir como perdido!

*(Canta)*

Com jeito se leva o mundo,  
De tudo o jeito é capaz,  
O caso é ajeitar-se o jeito  
Como muita gente faz.

*(Passeando:)*

Quero agora mandar fazer um fato.

*(Atoleimado:)*

E então fui comprar dez réis de flores;

*(Mostrando o ramo para a platéia:)*

O ramo é o capital... o fato os juros,  
Que me hão de pagar os meus amores.

*(Beija o ramo com entusiasmo:)*

*(Passeando:)*

Ah-ah-Ah! ah-ah-ah! forte lembrança!  
Ora um homem também já compra flores?!

*(À platéia:)*

Pois o caso é assim, comprei-lhe flores  
Faz-se um mimo de um ramo à rapariga,  
Depois... a gente pede qualquer coisa...  
Não tem mais que dizer, — vendeu a espiga!

Pois amor é assim, o mais é bucha,  
Eu cá sigo os amores desta laia.  
Para paio de amor sou muito pobre,  
Ela é mais rica, seja ela — *paia!*

*(Canta:)*

Com jeito se leva o mundo  
De tudo o jeito é capaz,  
O caso é ajeitar-se o jeito  
Como muita gente faz.

A gente é como é — diz o que pensa,  
Quem não pensa o que diz — faz como a gente,  
Põe-se aí a pregar sermão aos outros  
E pega — vai fazendo o que não sente.

Namorar, namorar como eu namoro,  
Isto sim fica bem e a todos cabe;  
Não é andar aí quebrando cantos.

*(Rindo burlesco:)*

Suspirando de amor por quem não sabe!

*(Dentro batem 10 horas.)*

*(Depois de contar as horas:)*

Já dez horas, Jesus! Não tarda a bicha!

*(À platéia:)*

Ai! que tenho ciúmes dos senhores!

*(Olhando com atenção para a platéia e camarotes.)*

Tanta gente... e que olhos curiosos  
Para a cena gentil de meus amores!

Mas senhores, desejo a sós com ela,  
A minha namorada, os meus amores,  
Um momento ficar, para entregar-lhe.

*(Mostrando:)*

Este raminho de inocentes flores.

Como podem porém nos seus juízos,  
De nós — ambos fazer — idéia injusta,  
Eu lhes passo a contar um episódio  
Para que vejam — *quanto a moça custa.*

*(Canta ou recita ao som da música:)*

A moça que eu amo  
Tem olhos de gata  
A cor da mulata,  
Cabelos de lã;  
Seus dentes são brancos,  
Seus lábios vermelhos,  
Que lembram dos velhos  
A calva louçã.

\*\*

Só veste os vestidos  
À moda da França,  
Seu nome é 'Sperança,  
Negaça de amor;  
'Svelta e gorducha  
Tem fina cintura,  
Na boca doçura,  
No hálito odor.

Dez vezes lhe tenho  
Um beijo pedido,  
Não é meu marido,  
— Responde, — e não dá!  
Se intento agarrá-la  
Me foge sorrindo,  
E eu fico fingindo,  
Dizendo-lhe que má!

\*\*

Mas, amo esta moça,  
Que nega-me um beijo,  
E foge, e tem pejo,  
Se teimo em pedir;  
A moça, que fácil  
Consente o amante  
Beijá-la... adiante...  
Promete — cair.

\*\*

Há dias, a furto,  
Beijei-a na orelha,  
Se fez tão vermelha  
Qual brasa em fogão!  
Que mal faz na orelha  
Beijar minha amante?  
Tornou-me — tratante,  
Cachorro... vilão! (*Forte*)

\*\*

Que mal? Pois não sabe...  
Não sabe e calou-se!  
A moça engasgou-se

Com o fim da oração  
Fitou-me nos olhos  
— Em chamas ardidos;  
Os meus atrevidos  
Fitei-os no chão!

\*\*

Já vem que essa moça  
‘Stá fora de moda,  
Não cabe, não se engoda  
Com choros de amor!  
Já vêem meus senhores,  
Que a moça é inocente,  
Palavra da gente  
É toda pudor.

\*\*

Eu me chamo o senhor Papa-Suspiros  
Porque tenho vivido deste modo,  
Suspirando d’amor pela Esperança,  
Criada a mais gentil do mundo todo!

*(Retirando-se:)*

Ah-ah-Ah! ah-ah-ah! forte lembrança!  
Ora a gente também tem na esperança!

---

<sup>1</sup> Note-se que, na grafia da época, século XIX, jeito e ajeita-se grafavam-se com a letra gê, com o que o autor faria uma sugestão psicológica entre “geito”, “ageita-se” e gente.